

A vida no cinema: narrativas cruzadas¹



Vera Brandão
Beltrina Côrte

Resumo: A pesquisa (auto) biográfica, tempo e lugar para formação continuada, articulação e integração narrativa surge como base do projeto de pesquisa-formação-intervenção de profissionais na área da gerontologia social. Objetivos: preparar os participantes para pesquisa-formação e atuação, por meio da escuta sensível dos idosos; refletir questões existenciais implicadas na construção simbólica dos papéis sociais, por meio das narrativas auto e heterobiográficas; integrar criativamente narrativas cruzadas do vivido e do imaginado, utilizando a linguagem cinematográfica. As narrativas de vida, tradicionalmente formativas, passaram ao escopo de saberes de senso comum e as palavras dos *insiders* da cultura, especialmente idosos, suas narrativas do vivido, questões de sentidos, desejos, perspectivas, fundamentais na constituição como sujeitos, não encontram espaço de troca, reconfiguração e reconhecimentos. Os filmes, intermediários na reflexão e aprendizagem criativa, formatam o pluralismo de imagens / imaginário dos desejos silenciados, entrecruzando narrativas fílmicas e pessoais, espelho do vivido. Metodologia: pesquisa bibliográfica e filmográfica, nos temas processos simbólicos e busca de sentido no longeviver, por meio de cine-debate. Dupla projeção que, articulando teoria e prática, favoreceu processo de pesquisa-formação- intervenção de 14 pesquisadores, por meio de trabalho de campo com participação de 55 pessoas - ambos os sexos, com 60 anos e mais, nível sócio econômico e cultural variável. Resultados: as análises de conteúdo das narrativas cruzadas indicam participação ativa na revisão e reconfiguração biográfica, experiências enriquecedoras em *locus* educativos formais e não formais, indicando o cine-debate como espaço formativo (auto)biográfico para profissionais, e meio de expressão e articulação narrativa dos idosos, atingindo objetivos propostos.

Palavras-chave: narrativas (auto) biográficas; cine-debate; formação continuada e pesquisa em gerontologia social.

¹ Comunicação realizada no VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica – CIPA - UERJ, nov. 2014. Publicado em Anais – Eixo Temático 2 - Espaços Formativos, Memórias e Narrativas. Rio de Janeiro, 2014, pp. 2435-76. ISSN 2178-60676.

Introdução

O conhecimento é construção humana, sempre em processo, nos tempos e espaços das culturas. Ao realizar uma pesquisa não se buscam respostas definitivas, mas colaborar com o processo dinâmico de construção de saber, válido e valioso, com vista a ações consistentes. Nesta perspectiva o método (auto) biográfico tem se mostrado adequado por indicar caminho de pesquisa-formação-intervenção considerando o saber ampliado auto e heterobiográfico próprios aos grupos humanos.

O Núcleo de Estudo e Pesquisa de Envelhecimento NEPE- PUC/CNPq constituiu-se, desde sua organização, em espaço de formação continuada e pesquisa de caráter interdisciplinar, e tem como objetivos principais: articular diferentes disciplinas das áreas das Ciências Humanas e da Saúde; formar, continuamente, profissionais /pesquisadores por meio de pesquisa e atuação na área do envelhecimento e longevidade. A aposta do Grupo de Estudos da Memória-GEM, alocado no NEPE desde 2001, é a articulação de dois projetos-processos: o formativo e o investigativo, que se completam e retroalimentam (BRANDÃO, 2011).

Salientamos que os profissionais participantes do GEM são atuantes na área gerontológica, e o projeto de educação continuada se apoia nessa realidade, e os estudos teóricos são ligados a problemas surgidos das realidades cotidianas, trazendo questões internas aos grupos de idosos nos quais atuam.

Essa perspectiva é fundamental na compreensão do trabalho realizado, na medida em se busca construir um “saber gerontológico” a partir das vozes internas, e caladas, da população que envelhece. Quais seus desejos, interesses, questões? Qual a matriz de suas identidades narrativas? Qual o lugar do futuro nas construções narrativas dos indivíduos em processo de envelhecimento? Como podemos preparar os profissionais para projetos pesquisa-intervenção adequados à realidade dessa população? Como articular saberes múltiplos, articulados e significativos, de idosos e profissionais, na perspectiva de atuação humanística e solidária?

A escuta sensível se faz no campo de pesquisa, considerado de intervenção, na medida em que se projetam atividades reflexivas dirigidas aos idosos com caráter investigativo obtendo, primeiramente, o aceite formal da Instituição que os congrega e, posteriormente, destes - após apresentação do projeto de pesquisa – por meio da assinatura de documento de consentimento livre esclarecido.

O processo envolve formação-pesquisa-intervenção incluindo estudo teórico atualizado nos temas envelhecimento, longevidade e questões existenciais implicadas na construção simbólica dos papéis sociais; reflexão escrita e partilhada em grupo; preparo para o campo, vivenciando intragrupo as atividades a serem propostas; ajustes no projeto; campo de intervenção junto

aos grupos de idosos; análise de resultados nos diferentes subgrupos; análise de conteúdo geral e construção de categorias analíticas, a partir dos relatos projetivos proporcionados pela atividade-meio: o cine-debate. Fecha-se o círculo com discussão interna entre pesquisadores sobre conhecimentos teórico-práticos obtidos, a devolutiva aos grupos que participaram da intervenção, o impacto gerado e, finalmente, na publicação dos resultados.

Percurso metodológico

A presente pesquisa surgiu como etapa natural desse processo, iniciado com pesquisa bibliográfica com as palavras-chave: *memória social (auto) biográfica, longevidade, saúde, qualidade de vida*. Das leituras surgiu nova palavra - o imaginário – nas construções sociais do papel dos velhos, em textos que abordavam mais análises teóricas. Prosseguimos articulando-as com outras com: *processo narrativo; envelhecimento; processos de reconciliação; espiritualidade; relações familiares*. Os temas foram considerados pertinentes às demandas dos grupos de atuação dos pesquisadores e motivadores de continuidade.

Surgem as questões: o que os idosos, que demonstravam insatisfação com a visão de seu lugar social, teriam a dizer sobre esses temas? Como construíram, ao longo da vida, a “ideia” de velhice e sua percepção na sociedade? Como os velhos cidadãos, envolvidos em discursos padronizados, reafirmavam, sem perceber, os estereótipos geradores de preconceitos? Como intervir para uma ação reflexiva e criativa junto a esse grupo etário dando-lhes voz? Como favorecer o empoderamento e a tomada de espaço a partir de atividade de reflexão e livre expressão.



Na busca de respostas consideramos motivadora a incorporação do recurso cinematográfico no projeto. O cinema - arte que projeta realidades e se faz espelho da nossa - é uma das linguagens que expressa o imaginário da cultura, e nela as questões existenciais suscitadas pelas palavras-chave. Possibilitava a mediação dos discursos por meio de plataforma interativa, dinâmica, portadora de múltiplas linguagens – som, cor, luz, movimento – para refletir e articular narrativas do projetado-vivido.

Além de literatura específica na área foram projetados, comentados por escrito, e analisados coletivamente os documentários *Edifício Master* (2002) e *O Fim e o Princípio* (2005) de Eduardo Coutinho; e os longas metragens *Morangos Silvestres* (1957) de Ingmar Bergman; *Madadayo* (1993) e *Sonhos* (1990) de Akira Kurosawa.

A atividade foi, inicialmente, realizada intragrupo como teste de campo, e de seus resultados promissores surge no grupo proposta da realização da

pesquisa-formação-intervenção, de cunho qualitativo em forma de cine-debate, intitulada *A vida no cinema: horizontes do olhar*.

Ao final dessa etapa os pesquisadores escreveram individualmente um conto de auto ficção no qual criativamente trabalharam com os sentimentos surgidos nas experiências vividas nesse primeiro ciclo de formação.

Na sequência da estruturação do projeto de formação-pesquisa intervenção o primeiro passo foi delimitar os objetivos: verificar como a construção cultural sobre o envelhecimento e longevidade, seus estereótipos, mitos e preconceitos podem ser superados a partir da inclusão do idoso em atividade de caráter lúdico e, simultaneamente, reflexiva e formativa, incluindo nela os profissionais; reconstruir os espaços de convivência, respeitando a diversidade sujeitos, fatos e análises, por meio da solidariedade intergrupala e intergeracional; sensibilizar para a complexidade das construções identitárias; escutar e registrar as narrativas autobiográficas e heterobiográficas - processos de “reapropriação de si”; registrar e refletir os diferentes significados no imaginário da cultura e os relativos aos significados do ciclo vital; ressignificar o lugar do idoso na sociedade e grupos íntimos de convívio; ampliar a visão dos idosos e profissionais sobre o “discurso oficial” sobre velhice e longevidade.

O passo seguinte foi identificar Instituições que congregam idosos para a realização das atividades, compromisso assumido formalmente, por meio de documento referenciado pelo PEPGG-PUCSP², e escolhidos 4 grupos de convivência que reuniam idosos de ambos os sexos, com 60 anos e mais, nível sócio econômico e cultural variável. Os critérios de inclusão: escolaridade mínima de 4 anos, capacidades de compreensão, fala e escuta preservadas, aceitação a participação, após preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; exclusão: idade inferior a 60 anos; comprometimento cognitivo e de fala/escuta; sem escolaridade; ou recusa - participação livre, podendo ser interrompida a qualquer momento, mesmo tendo assinado o Termo de Consentimento.

Simultaneamente foram selecionados filmes de curtas e longas metragens com temáticas existências, assistidos e analisados pelo grupo de pesquisadores quanto sua pertinência ao projeto. A partir do reconhecimento de campo – condições materiais dos espaços e formação dos grupos – foram feitas escolhas filmicas do material selecionado e, devido às condições encontradas, em alguns espaços só foi possível exibir curtas metragens, em outros pudemos optar por longas metragens e documentários.

O campo de estudo foi estabelecido como de 4 encontros consecutivos (um por semana), com 3 horas de duração, e mediação e observação a cargo de 3 pesquisadores por grupo, que se revezaram nas duas atribuições. No total tivemos a participação de 55 pessoas - 44 mulheres e 8 homens - confirmando não só o fenômeno da feminização da velhice, como a baixa frequência a

² Pesquisa realizada com aprovação do Colegiado do CEP-PUC/SP sob o nº 682.275 de 10 de junho de 2014.

atividades integrativas de cunho reflexivo / discursivo por parte do grupo masculino. Ao longo de anos de trabalho temos observado que essa atitude se mantém, ainda ligada aos estereótipos relativos ao que seja atividade ou atitude masculina.

Cabe aqui ressaltar, no processo formativo-investigativo e de intervenção, a necessidade de sólido preparo teórico e flexibilidade do pesquisador, pois não existe o “cenário idealizado” que imaginamos. O campo de intervenção oferece muitos desafios, mesmo quando realizados procedimentos de reconhecimento e preparos adequados. Na presente pesquisa os problemas técnicos foram prevalentes: falha de energia, de sinal, no equipamento, entre outros, foram dificuldades enfrentadas e superadas, com êxito, pelas pesquisadoras.

Consideramos a explicitação das dificuldades como parte da análise do processo formativo, pois imprevistos e, às vezes, correção de rumos quando explicitados trazem a verdadeira beleza do processo de construção de saberes, indicando a complexidade das ações e resultados em pesquisas qualitativas.

O Cine- Debate. Encontro, Projeção, Identificação, Narrativas

Na área gerontológica o cine-debate tem sido utilizado como recurso de sensibilização para lidar com questões fundamentais do nosso tempo, dar oportunidade de acolher reações pessoais e estimular a reflexão crítica, oferecendo um meio motivador e instigante para olhar questões cotidianas de cunho existencial, dentre os quais o envelhecimento, no imaginário social.

Esse projeto teve como objetivo de associar o estudo do processo de envelhecimento, por meio de filmes, como forma de comunicação e expressão do imaginário da cultura. Segundo Migliorini (2010):

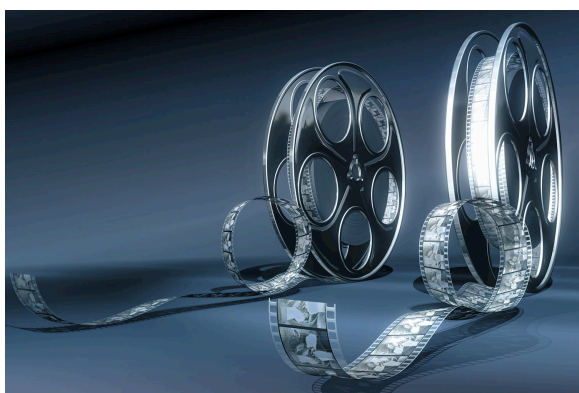
A imaginação simbólica tem sido pouco explorada e valorizada nas investigações sobre o envelhecimento, enquanto a memória tem sido privilegiada, possivelmente, por seu papel fundamental na sobrevivência e adaptação e por ser uma das funções psíquicas mais valorizadas culturalmente. (s/p)³

Sabemos, no entanto, que memória e imaginário constroem-se mutuamente e aparecem entretecidos em suas expressões. Peres (2010) - apoiada em Durand (1988) - afirma a memória como eco das ressonâncias simbólicas, e a narrativa como ato de recriação e reencontro. O complexo mecanismo que envolve memória e imaginário pode ser analisado por meio do cine-debate, já que partindo do presente, estimulados por imagens díspares, somos levados a buscar em nossos registros mnemônicos vestígios do vivido. O que lembramos não é um roteiro pronto e acabado, mas possibilidades reconstrutivas naquele momento acionadas, e as interligações se fazem entre *flashes* do projetado e do vivido. A narrativa constrói uma história meio realidade, meio ficção, é a verdade que emerge como possível no presente narrativo.

³ Acessível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100011

Os estímulos sensoriais, acionados de forma voluntária ou involuntária, partem do presente - o próprio corpo – em busca desse registro passado, situando-o em relação ao momento atual vivido, são os geradores das imagens registradas. É do presente “que a lembrança retira o calor que lhe confere a vida” (BERGSON, 1990: p. 125).

Memória e imaginário são capazes de “trazer à luz outras linguagens como potências e vias, para fazer emergir novas possibilidades de leitura e interpretação para as narrativas de histórias de vida” (PERES, 2010, p. 75). A autora se apoia na noção de imaginário de Durand (1996), como um lugar de “*entre saberes*” e um “*museu*” depositário de imagens, fundamental na construção de conhecimentos do e para o ser humano.



Esse contexto, no qual o imaginário das configurações sociais se destaca, é parte das bases teóricas da pesquisa sobre a construção simbólica dos papéis sociais do velho, refletindo questões existenciais agudizadas nessa fase do desenvolvimento humano, indicando possibilidades de reflexão e aprendizagem criativa dos “*entre-saberes*”, tendo como referência a

memória como “o museu”, acervo do vivido. Metaforicamente, cada “quadro” iluminado, restaurado e trazido à luz pode desvelar cores e nuances nunca observadas. O que se julgava conhecido adquire uma aparência renovada, recomposta.

O filme foi o instrumento escolhido por ser mediador a dar forma ao pluralismo de imagens (imaginário) dos desejos que, muitas vezes, só encontram eco em uma película. A dupla projeção – do filme e nela do espectador – pode favorecer e estimular a tomada da palavra, expressão de ideias, reconhecimento e empoderamento dos profissionais e idosos.

Aprendi a aprender com filmes, a usufruir mais intensamente da emoção que me provocam, a interpretar as imagens, a refletir a partir delas, a reconhecer valores diferentes e a questionar os meus próprios. (DUARTE, 2012 p.11)

A necessidade de expressão e comunicação que se projeta para além do cotidiano, dar vazão ao imaginário criativo, marca do humano, já se expressa nas pinturas rupestres (datadas de cerca de 40 a 30 mil anos). A necessidade de comunicação, tanto do real como do imaginário, foi se materializando na pintura, escultura, teatro, poesia, música, dança, classificadas como arte no final do século XVIII. Quando o cinema surgiu no do século XIX, ganhou o título de ‘sétima arte’.

Segundo Boaretto o filme, assim como a viagem, pode ser uma experiência renovadora, pela oportunidade que nos dá de conhecer pessoas, lugares, costumes, e por possibilitar acesso ao não vivido, estranho, inusual, chocante, de imagens mobilizadoras de emoções insuspeitadas, na transformação de si e compreensão do outro (BOARETTO, 2005).

Os estudos indicam que somente o ser humano tem consciência do fenômeno artístico, decorrente da capacidade de admirar, apreciar, julgar e, sobretudo sentir a emoção por ele expressa. Assim, o filme, como obra de arte, favorece a contemplação, a reflexão, retira o indivíduo do cotidiano aproximando-o do inconsciente e favorecendo um mergulho no imaginário com suas infinitas possibilidades de produzir significados - o cinema colabora no “apreender” o mundo, por meio da busca da essência, favorecendo atalhos e alternativas para reconstrução interna.

A ilusão que o cinema proporia *a priori* seria um mero reflexo da realidade [e] oferece o que temos o direito de exigir da arte: um aspecto da realidade livre de qualquer manipulação pelos aparelhos, precisamente graças ao procedimento de penetrar, com os aparelhos, no âmago da realidade. (BENJAMIN, 1994, p. 187)

O cinema comunica além das palavras, e nele se mesclam o real e imaginário por meio de imagens que possibilitam uma “viagem” impactante ao espectador, para fora e dentro de si, possíveis de se consolidarem como memórias afetivas. Mas, existem muitos modos de olhar e transformar o que foi visto, pois a percepção e as lembranças registradas são únicas e dependem do contexto no qual está inserida a pessoa que vê.

O filme pode deixar diferentes percepções na trajetória individual permitindo fazer uma passagem sensível entre a ficção e realidade, por reacender e rearticular lembranças, compreender os problemas difíceis, nos tempos de vida, e examinar a realidade particular de maneira sutil.

As narrativas desse processo projetado-vivido constroem-se no encontro e diálogo por meio dos quais estabelecemos a ponte entre as subjetividades – eu e o outro – e construímos os sentidos que alicerçam nossas identidades e guiam nosso discurso narrativo. É no diálogo integrativo que se materializa e afirma o contexto semiótico-ideológico de uma determinada comunidade linguística e cultural, e que se formam os sentidos das palavras - seus ecos, ressonâncias - no outro e em mim - no registro da escuta sensível.

Segundo Maturana (2004) a linguagem é fenômeno biológico relacional que se concretiza no espaço de convivência e interação entre os indivíduos, e o diálogo como trama tecida nas “entre conversas” base da nossa humanidade - e nas redes de conversações que se estabelecem, como um longo processo, construindo assim a cultura. Esta perspectiva se entrelaça ao conceito semiótico de cultura trazido pela Antropologia, que reafirma o homem como ser

amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, reforçando a premissa de cultura ampliada, na qual se expressam as muitas formas narrativas e suas análises (GEERTZ, 1989).

Essas reflexões nos levam a pensar na responsabilidade de cada indivíduo como coparticipes na construção das culturas, nas quais estão inseridos, por meio das conversas sem fim entre todos os homens, que ultrapassa o tempo de vida, parte do longo diálogo humano, legado para um futuro de compreensão, respeito e ética. Surgem novas perguntas: Que vozes são ouvidas? Quem são os narradores? Do que falam? De que lugar e grupo social? Quem os escuta? Do que falam e com que finalidade? (BRANDÃO, 2008).

Potencialmente, somos todos narradores - comunicação intersubjetiva: de indivíduos de uma mesma comunidade linguística – reforçando o caráter identitário dessa conversa sem fim, influenciando e sendo influenciados pelos grupos de pertença. Cada cultura tem referenciais próprios de organização, transmissão e conservação de modos de vida - guiados por valores éticos, morais, mitológicos, históricos e sociais específicos – e nelas cada indivíduo se forma, segundo a percepção e a compreensão que delas tem.

Essa é a base da identidade - categoria dinâmica e passível de recomposição – e nela construímos as narrativas, compostas por todas as experiências vivida no tempo e espaço social que ocupamos. Lugar social de onde é possível narrar (ou não) as histórias, com suas verdades e ficções metáforas, ambiguidades, não ditos e silêncios, conferindo-lhes sentido. (BRANDÃO, 2013)

**Que vozes são ouvidas? Quem são os narradores?
Do que falam? De que lugar e grupo social? Quem os
escuta? Do que falam e com que finalidade?**

As Narrativas – reflexões

*É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: **não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.***⁴ (MOMBERGER, 2008. p.37)

As reflexões de Momberger têm guiado nossos trabalhos de educação continuada e pesquisa na compreensão e aplicação do método (auto) biográfico, e nela nos apoiamos para a reflexão sobre narrativas trazidas por “vozes internas” dos grupos reunidos no cine-debate.

⁴ Destaque em itálico como no original

A motivação dos encontros dos grupos de idosos é, inicialmente, de socialização, e a oferta de atividades que promovam este objetivo, de forma reflexiva e criativa, é o desafio que se impõe aos profissionais da área. Assim, no processo de educação continuada a que nos propomos, além de estudos teóricos, as atividades no campo de intervenção são oportunidades de acesso aos desejos e “saberes internos” e de “refinamento” de práticas.

Constroem-se narrativas circulares na medida em que o grupo de pesquisadores faz narrativas internas no preparo das atividades, media, observa e registra as narrativas do campo e volta ao grupo para análise e discussão, construindo novas narrativas de si e do outro, incentivando a construção da “cultura da longevidade”, por meio de atividades que promovam espaços de interlocução aos idosos.

Nesta perspectiva, os projetos que envolvem as narrativas (auto)biográficas como vetor de formação restabelecem o poder do diálogo pela palavra socializada, falada e escrita, e pela intermediação do grupo. Segundo Momberger (2006), esse processo é, simultaneamente, autobiográfico como uma reflexão sobre si, pela palavra; e heterobiográfico pelo trabalho de escuta e leitura do relato do outro. Propicia compreender o outro e compreender-se por meio do outro, pois a palavra autobiográfica é proferida em um tempo e espaço específico, e com a intermediação do grupo - palavra socializada de efeito formador, que leva à construção de uma “cultura da atenção”. Esse passado recomposto, conveniente ao narrador, adquire um sentido no momento da narrativa e, segundo a autora:

O poder do relato biográfico e o espaço de formação que ele abre [...] advêm da forma histórica e socialmente construída que o relato permite dar às experiências individuais [...] das linguagens partilhadas nas quais ele faz ouvir histórias singulares, da ligação que ele permite manifestar [...] e restaurar [e harmonizar] os componentes sócio-históricos da vida individual. (MOMBERGER, 2006, p. 369-70)

A partir das reflexões narrativas colhidas no processo de cine-debate foram realizadas análises dos conteúdos e extraídas as seguintes categorias: Identificação; Lembranças (infância / família); Relacionamento geracional; Valores universais / existenciais; Imaginário; Modos de relacionamentos; Sonho; Envelhecimento; Preconceito; Emoção; Proteção; Privacidade.

Nas categorias extraídas das análises dos debates de diferentes grupos, e sobre diferentes filmes assistidos, buscaram-se significados, em meio a uma “teia de relações sociais” expressos pela leitura narrativa que desvelava os signos da cultura dos indivíduos. Afirma Bardin (2002) que a análise de conteúdo do discurso narrativo busca compreender os indivíduos no momento e *locus* da ação, na perspectiva do vivido, o ambiente emocional. A autora coloca o pesquisador no momento da análise como um arqueólogo que

trabalha com vestígios, em dupla perspectiva: compreender as significações iniciais sem deixar de “desviar o olhar para outra significação, outra mensagem primeira [...] realçar um sentido que se encontra em segundo plano” (BARDIN, 2002, p.39-41).

A análise que propomos é o recorte possível a este espaço e contexto, pois devido ao rico material colhido uma produção ampliada pode ser planejada. Extraímos, como exemplo, narrativas suscitadas pelos cine-debates dos curtas metragens: *O amigo secreto*; *O brilho dos meus olhos*; *D. Carmela*; *A casa em pequenos cubinhos*; e do documentário *Edifício Master*, apresentando pequena sinopse.

Narrativas que realçam sentidos

O amigo secreto - Todas as casas do bairro recebem uma carta às vésperas do natal, menos a de dona Olga. Inconformado, o carteiro tenta fazer de tudo para que ela receba uma correspondência também. *Categorias*: Identificação; Lembranças da Infância e da família; Modos de relacionamentos; Relacionamento geracional; Emoção; Proteção.

Antigamente, quando era menina e os vizinhos se mudavam, os outros vizinhos iam lá dizer contem comigo.

Eu mesmo já enviei cartas [...] eu me vi na pessoa daquela velha.

Lembrou-me da infância, deu importância para quem ele servia. Ele ia além da profissão. O motorista de ônibus da minha cidade (pequena) parava e tomava café na minha casa. Relação com as famílias.

O brilho dos meus olhos. Em busca de um momento prodigioso, para que faça algum sentido continuar vivendo. *Categorias*: Identificação; Valores universais / existenciais; Imaginário; Modos de relacionamentos; Sonho; Emoção.

O filme serviu um pouco para cada um. Mexeu com cada um de nós.

Você cantando uma música, você viaja nela, você visualiza lazer, chega em casa relaxado. A música é um jeito de você viajar e vou para casa mais tranquilo.

Dona Carmela. Augusto, um ator aposentado há mais de trinta anos, mantém um frio relacionamento com seu neto. Um dia, convidado a participar de um

novo programa infantil de televisão em sua cidade, o avô revelará ao menino uma face até então desconhecida. *Categorias:* Identificação; Lembranças da Infância e da família; Modos de relacionamentos; Relacionamento geracional; Imaginário; Valores universais / existenciais; Preconceito; Emoção; Proteção.

Quando minha filha e meus netos vieram morar comigo foi muito difícil, estranhei muito. Hoje sou diferente. Estou muito feliz com eles lá.

Despertou a memória afetiva quando vi aquela cadeira de barbeiro, lembrei da cadeira do meu pai, que foi barbeiro desde os treze anos, para trabalhar tinha que subir numa caixa para aprender o ofício, parou de trabalhar hoje com setenta e oito anos.

Meu avô era imigrante espanhol. Falava muito da terra dele. Queria resgatar um caderno da minha mãe, que já faleceu, onde tem todas as cantigas do avô. Fui para a Espanha com a mãe há 15 anos. O avô fazia poesia com as ruas da cidade e pelas poesias foi possível localizar a casa onde o avô morou. A gente não tem conhecimento das nossas origens.

A Casa em Cubinhos. Um idoso que vive em uma cidade ao nível da água. À medida que a água sobe, o senhor a eleva com os cubos para se manter seco. Então, um dia, seu cachimbo favorito cai de sua boca e vai parar em um andar mais baixo de onde sua casa encontrava-se naquele momento. Na busca de um novo cachimbo, ele decide comprar uma roupa de mergulho e ir atrás do velho. Ao mergulhar, passa a reviver toda a história dele, de sua família e, claro, da casa com vários andares (todos submergidos). *Categorias:* Identificação; Imaginário; Modos de relacionamentos; Envelhecimento; Preconceito; Sonho; Emoção.

Pelo que parecia do todo e pela minha imaginação era uma história que vai lembrando para viver a saudade dele.

Águas passadas não movem moinho. Nós vamos ser velhinhas positivas.

Me traz um recorde quando muito novo jogava com a mente. Eu tinha uma casinha e um quarto e um baú, e tinha guardado os brincos de lua. Los “arretes” que lhe faltam tenho guardado no fundo do mar. Brincadeira de imaginação.

Documentário Edifício Master. Durante sete dias, uma equipe de cinema filmou o cotidiano dos moradores do Edifício Master, situado em Copacabana, a um quarteirão da praia. O prédio tem 12 andares e 23 apartamentos por andar. Ao todo são 276 apartamentos conjugados, onde moram cerca de 500 pessoas. Eduardo Coutinho e sua equipe entrevistaram 37 moradores e conseguiram extrair histórias íntimas e reveladoras de suas vidas. *Categorias:* Identificação; Lembranças da família; Modos de relacionamentos; Relacionamento geracional; Imaginário; Envelhecimento; Preconceito; Emoção; Proteção; Privacidade.

Eu morava na rua Frei Caneca. Fui ver apartamento para comprar e era muito apertado. Era pra zona. Não era pra morar uma família. Foi importante pra ver o que acontece num apartamento em Copacabana.

Eu nunca morei em apartamento e nunca tive experiências com pessoas diferentes. Não sei se é preconceito com essa história do filme. Eu fiquei com medo.

Quando eu fiquei viúva eu senti solidão, fiz tratamento psicossomático, remédio para a depressão. Tinha uma lista de coisas negativas. Fiquei bem. Precisa socializar. Eu trabalhava com meu marido. Não dei valor enquanto ele existia. Ele fazia parte de mim. Ficou doente e morreu rápido. Perdi o chão. O tratamento foi bom. O médico me ensinou a viver sozinha. Quando você fica sozinha e tem amigos casais as mulheres ficam com ciúmes e os homens acham que você precisa de alguma coisa e querem dar. Se você precisa de homem na sua casa não tem mais quem faça. Sabe o que eu faço hoje? eu aprendi a pedir ajuda.

Na apresentação deste documentário, um dos grupos fez uma avaliação negativa da atividade. Indagados se queriam interromper as sessões de cine-debate disseram que não! Uma das participantes afirmou: “Debate é sempre bom. É um momento de não pensar em besteiras. Este tipo de prédio é procurado por pessoas sozinhas”.

Outra, mais radical, declarou antes de se retirar: “Eu quero falar que faço parte de outra coisa, sou mais da religião. Em minha opinião isso aí para mim não serve, é uma discussão que não tem valor. Eu gostaria de filmes que falam coisas úteis, coisas do bem, que falasse de Deus. Estamos de passagem....Paixão de Cristo”.

Nos trechos citados, como exemplo, podemos observar que a *identificação*, positiva ou negativa, com a história projetada foi comum a todos os comentários, o que indica a “força” da imagem como intermediadora das narrativas de si. Entre identificação e narrativa existe um espaço preenchido

pelas histórias que o narrador “constrói” sobre si, e se “cria” como sujeito, sempre inacabado, porque a cada narrativa pode surgir um novo projeto de ser, nova identidade, construído a partir do presente narrativo.

Podemos nos afastar por recusa / estranhamento ao que o filme apresenta, mas teremos a oportunidade de acesso a “outros mundos, realidades, nunca vividos”. A projeção possibilita que se viva de forma indireta sonhos, fantasias, desejos inconscientes, ou apenas não revelados. O que narramos, mediado pelos filmes, é verdade, sonho, imaginação? Ou, quem sabe, uma tessitura de pontos que surgem e se unem de forma aleatória, chamados pelo hoje – nosso presente? E o que não narramos pode ficar como reflexão, satisfação de curiosidade, realidades vividas “por tabela”?

São questões que permearam o campo de intervenção e se tornaram campo de reflexão na análise de conteúdo, como apresentamos. Retomando a análise desses pequenos trechos surge outra categoria de destaque: *modos de relacionamento*, pois o material exibido tinha como base diferentes tipos de relacionamentos, cuja repercussão individual teve como base as lembranças do vivido. Interessante observar que os comentários foram sendo complementados no momento do debate, não só o que cada um viu, projetou, analisou, mas também sobre o relato dos outros, com complementação e / ou discordância abrindo espaço para tomada da palavra e defesa de ideias / ideais. Diálogos que evidenciam a riqueza dos debates e das narrativas cruzadas fazem parte do material de análise que, por falta de espaço, colocaremos em futuras apresentações.

Outras duas categorias de destaque foram *imaginário e emoção*, pois nas projeções e suas análises puderam ser observadas construções de significados nos quais se insinua a emoção do vivido – só fica o que significa – e as reconstruções, que chamadas pelo presente – as cenas dos filmes – guiam a memória para reconfigurações do passado. Essa “nova” consciência pode [...] presidir a ação e iluminar uma escolha - ela projeta assim sua luz sobre os antecedentes imediatos da decisão e sobre todas aquelas lembranças capazes de se organizarem utilmente com elas. O resto permanece na sombra. (BERGSON, 1990, p. 116).

Considerações sobre os resultados

Não há experiência humana [...] que não seja mediatizada por sistemas simbólicos e, dentre estes, pelas narrativas [...] Não temos acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas, a seu respeito, por outros ou por nós mesmos. (RICOEUR, 1983, p113)

Extraída de Momberger (2012, p. 39), esta afirmação indica o entrelaçamento de memória, narrativa, imaginário, e a validade das pesquisas e ações sugeridas pelo método (auto)biográfico como possibilidade de reconstrução de si, e base na construção de saber pertinente em diferentes áreas, enfocando aqui o de formação-pesquisa-intervenção em gerontologia social.

Encontramos em Nóvoa (2010) seis princípios referenciais como base do projeto de formação de adultos, formação profissional e formação de formadores, dos quais destacamos o 4º princípio - que se desdobra em 3 conceitos: Formação-Ação / Formação Investigação / Formação- Inovação – como referência das reflexões possíveis neste contexto – no qual afirma: “Formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na “produção”, e não no “consumo” do saber” (2010, p. 186).

A avaliação do processo da “construção de saber” vivida pelos pesquisadores foi considerada por eles como positiva em seus diferentes aspectos, atingindo os objetivos propostos. A riqueza da experiência indica a continuidade do projeto.



O cine-debate contribui na abertura dos espaços reflexivos, formativos e narrativos coletivos, que ampliaram o saber interno aos grupos - possibilidades de compreensão desse universo e o refinamento das práticas -, pois nele se uniram dois sentidos da comunicação: o que o filme expressa, a interpretação / projeção pessoal e o narrado a partir dessa interação, criando um saber próprio e auto referenciado.

tristes e amargas, mas também faz aflorar competências “adormecidas”, promove a autoestima e resgata as identidades individuais e coletivas, e abre perspectivas ampliadas para o ser-saber-fazer.

Para os idosos, ou para os profissionais, rever e narrar a própria trajetória, a partir do presente, e na interação com outros, traz lembranças

Na avaliação final da atividade entre as opções à questão: Filme é: o score maior foi para conhecimento, seguido de aprendizagem, distração e arte, validando a escolha da metodologia.

Finalizamos com os comentários sobre o cine-debate, que seguem como exemplos, indicando a pertinência do projeto:

- *Vejo os estereótipos e posso partilhar, reconhecer;*
- *Reconstruir o hoje, e o que não fazer para o futuro;*
- *Vai criando afinidades pela própria escolha. Cada vez senta em lugar e vai se relacionando com mais pessoas;*
- *Eu desarme um pouco;*

- *Flexibilidade: vários ângulos, a gente forma uma opinião e os outros ângulos enriquecem muito; A vividez traz a solidão e a discriminação, aqui posso falar.*
- *O medo é um monstro que alimentado domina todas as qualidades.*
- *O que é mal, o que é bom é muito relativo.*

As análises de conteúdo das narrativas cruzadas indicam participação ativa na revisão e reconfiguração biográfica, experiências enriquecedoras em *locus* educativos formais e não formais, indicando o cine-debate como espaço formativo (auto)biográfico para profissionais, e meio de expressão e articulação narrativa dos idosos, atingindo objetivos propostos.

Referências

ARAÚJO, Alberto Filipe e TEIXEIRA, M. Cecília Sanchez. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, out./dez., 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. 1994. (Obras escolhidas. vol. 1)

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOARETTO, Roberta, C. Cinema, realidade e Cotidiano: imagens de um velho nas ruas. In GUSMÃO, Neusa M. M. *Cinema, Velhice Cultura*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

BRANDÃO, Vera. Memória (auto) biográfica como prática de formação. In *Anais do II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica – Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si*. PPEduC – UNEB /CAPES / INEB. Clementino, E. (org) Salvador. EDUNEB, 2006. (impressa p. 383 / versão completa em CD-ROM).

_____. *Labirintos da Memória. Quem Sou?* São Paulo: Paulus. 2008.

_____. *Longevidade e Espiritualidade: narrativas autobiográficas*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

_____. Narrativas Autobiográficas. Memória, Identidade e Cultura. In Nerys Silva, P.; Rosa de Souza, S; Cruz Neto, I (org.). *O Desenvolvimento Humano. Perspectivas para o século XXI. Memória, Lazer e Atuação profissional*. Vol 1. São Luiz do Maranhão, EDUFMA, 2013.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DURAND, Gilbert. *Imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GONÇALVES Filho, Jose M. Olhar e Memória. In Novaes, Adauto (org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GUSMÃO, Neusa M. M. *Cinema, Velhice Cultura*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. *Revista dos Tribunais*. São Paulo: Revista dos Tribunais/ Vértice, 1990.

KUROSAWA; Akira. *Relato autobiográfico*. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

LAZZARI Leite, Raquel; APPEZZATO Pinazza, Monica (org.). *Modos de Narrar a Vida: cinema, fotografia, literatura e educação*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010.

LINS, Consuelo. *Eduardo Coutinho – Televisão, Cinema e Vídeo*. RJ: Jorge Zahar Ed, 2004.

MATURANA, Humberto e VERDEN-ZOELLER, Gerda. *Amar e Brincar*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MIGLIORINI, Walter José Martins. Imaginário e envelhecimento: imagens simbólicas de três nonagenários. In: *Paidéia* vol.20 nº.45 Ribeirão Preto Jan./Apr. 2010.

MIRANDA, Danilo Santos. *Memória e Cultura – A importância da Memória na Formação Cultural Humana*. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

MOMBERGER-DELORY, Christine. “Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto”. *Revista da Faculdade de Educação – USP*. São Paulo, vol.32 /02, 2006, p.359-371.

_____. *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. Editoras: EDUFRN e Paulus, 2008.

_____. *A Condição biográfica. Ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

MORIN, Edgar. *O paradigma perdido - A natureza humana*. Sintra, Europa-América, 1996.

NÓVOA, Antônio. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In NÓVOA, A; FINGER, M. (org.). *O Método (auto)biográfico e a Formação*. Editoras: Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

SEIXAS, Jacy, A. Os Tempos da Memória: Descontinuidade e Projeção. Uma reflexão (in) atual para a história? In *Projeto História – Artes da história & Outras linguagens – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC-SP*. 2002

SOUZA, Eliseu Clementino de; PASSEGI, Maria Conceição (org.). *Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Editoras: EDUFRRN e Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Bernardo. J. Cinema e imaginário científico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13 (suplemento), p. 133-50, outubro 2006.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

PERES, Lucia, M.V. A Escrita da Memória Autobiográfica...Para que te quero? In Souza, E.C; Gallego, R.C. (orgs). *Espaços, Tempos e Gerações: Perspectivas (Auto)Biográficas*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010.

RICOUEUR, Paul. *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1983.

RICOUEUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

XAVIER, Ismail (org). *A Experiência do Cinema*. Rio de Janeiro. Edições Graal Ltda, 1983.

ZUSMAN, Waldemar. *Os filmes que vi com Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Filmes

Documentários de Eduardo Coutinho

Edifício Master (2002) <https://www.youtube.com/watch?v=BgmfO4CasYw>

O Fim e o Princípio (2005)

Longas

Morangos Silvestres (1957) - Ingmar Bergman.

Madadayo (1993); Sonhos (1990) - Akira Kurosawa;

Curtas

Ensaio (2006)

<http://portacurtas.org.br/filme/?name=ensaio>

Cemitério da memória - Fragmentos da vida cotidiana (2003)

http://portacurtas.org.br/filme/?name=cemiterio_da_memoriafragmentos_da_vida_cotidiana

O brilho dos meus olhos (2007)

http://portacurtas.org.br/filme/?name=o_brilho_dos_meus_olhos

A casa em cubinhos (2008)

<http://educchines.blogspot.com.br/2013/03/a-casa-em-cubinhos.html>

O bolo (1995)

http://portacurtas.org.br/filme/?name=o_bolo

Olhos de Ressaca (2009)

http://portacurtas.org.br/filme/?name=olhos_de_ressaca

Dona Carmela (2004)

http://portacurtas.org.br/filme/?name=dona_carmela

O amigo secreto (2004)

http://portacurtas.org.br/filme/?name=amigo_secreto

Dona Cristina perdeu a memória (2002)

http://portacurtas.org.br/filme/?name=dona_cristina_perdeu_a_memoria

O relacionamento é uma arte (2013)

<http://www.youtube.com/watch?v=HlsbLgCVBg4>

Data de recebimento: 22/07/2015; Data de aceite: 22/07/2015.

Vera Maria Antonieta Tordinio Brandão - Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia. Pós-doutoranda em Gerontologia Social. Pesquisadora CNPq (PUCSP). Editora da Revista Portal de Divulgação. www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista. Email veratordinobrandao@hotmail.com

Beltrina Côrte - Jornalista, doutorado e pos.doc em Ciências da Comunicação pela USP, docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUCSP e coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq Longevidade, Envelhecimento e Comunicação. Integra a Rede Iberoamericana de Psicogerontologia (Redip) e é editora de conteúdo do Portal do Envelhecimento. Email beltrina@pucsp.br
